

50

O Governo Interce
Pimenta de Castro

A sessão do Palácio de
Mitre

O 14 de Maio

379
11/0
390

O Governo Pimenta de Castro

A estas historicas No Palacio da Mi-
tra a revolução de 14 de maio

O ministério formado em 25 de Janeiro
foi completado em 4 de Fevereiro com a
nomeação do coronel José Gervásio Rodri-
gues Monteiro para o Estrangeiros.

Era um ministério militar. Os dois
ministérios eram civis, o da justiça e o do fo-
mento. E era um ministério de engenheiros,
pois dos ministros militares, 4 eram ~~engenheiros~~
officiaes de engenharia, 1 official de artilhe-
ria e 1 official de marinha.

Em 12 de março, foi modificada esta
composição. O ministro José G. Rodrigues
Monteiro passou para as Finanças, o
ministro Theophilo de Figueiredo passou para
o Estrangeiros, e a alcaide ^{João Maria} Teóphilo
Guimarães ~~passou para~~ ^{entrou para} ministros de
Colónias.

Quanto á politica externa que ia de-
quar, é certo que em 4 de fev. ^{informava} mi-
nistros singlos de que era sua intenção proseguir
a mesma orientação do seu predecessor, mas
a verdade é que nada se fez, que se visse.

Este general Pimenta-de Castro era um velho republicano, mas era tambem um grande eccentrico.

Era commandante da 6.^a Divisao quando teve de fazer a critica de uns exercicios de quadros realizados na area da sua Divisao. Assistia a critica o ministro da guerra Antonio Vasconcellos. Foi a critica em termos tao irônicos, tao ~~causticos~~ ^{causticos}, que, acabada a conferencia da critica dos exercicios, o ministro pediu telegraphicamente para ~~Castro~~ ^{Lisboa, para} o seu ministerio, que o expuserassem immediatamente de commando da Divisao.

Em 1911 ^{Me} commandava a Divisao do Porto. Tendo eu sido eleito deputado a Constituinte pelo circulo de Chaves, fui agradecer a minha eleicao. Ao chegar ao Porto, o boato dizendo que Padre Conceicao tinha entrado a fronteira com forcas armadas, eram immensos. Entendi ser do meu

dever ir ao Quartel General oferecer o
 meu prestimo para ~~ser o portador de~~
~~para Charles~~ quaisquer ordens ou instru-
 ções que o general quizer ~~compreender~~
 O general recebeu-me muito bem e, de
 pois de me ouvir, disse:

— Obrigado. Mas não preciso man-
 dar nada. Não ha nada. O senr. tem
 tra-se do cometa que aqui ha pouco
 annos andou ^{por} ali? Lembra-se de ouvir
 dizer que a cauda do cometa havia de
 deitar a terra, faze-la desaparecer,
 e não sei que mais? Pois agora é o
 mesmo... com o Padre Conceição. ~~Faça~~
~~boa viagem~~, agradeço a sua
 atenção; ^{faça boa viagem} e não pense mais nisso. O Com
 eir ou qualquer outro não fazem nada!
 Acompanhou-me até à porta, e ás

despedida ~~disse~~ disse ainda:
 — Adeus. Boa viagem. E se vir por lá
 o cometa, dê-lhe saudades.
 Depois de aprovada a Cirostolun
 de 1911, e eleito Presidente de Republi-

Dr. Manoel d'Ávila, este ^{as} encar
 regado de ^{João Chagas} organizar ministérios, ridicou
 o ^{General Pinheiro de Castro} para ministro de Guerra. João Chagas
 não era pessoa para tolerar ^a mais
~~atuação com pequena~~ falta de atenção.
 O general Pinheiro de Castro não liga
 va nenhuma a ninguém. Achava em
 si mesmo de ministros uma grande ma
 cadê e a morte, em batendo as 22 horas,
~~desligava o telefone~~ ~~o telefone~~ do telefo
 ne para que ninguém o incomodasse.
 Escusado será dizer que, não passou ~~o~~
 muito tempo ^{sem} que João Chagas ~~se~~ es
 tivesse aborrecido com ~~os~~ ministros
 que não apparecia ou não ^{podia} encon
 trar.

Vem o dia 5 de Outubro de 1911. Concor
 ro entre as forças pela fronteira de Bragan
 ça e Viçhaes. ^{que se succeder} ^{proteção lida a prof.}
 29 de ^{um} ^{panphlet} ^{de} ^{João Chagas} ^{intitulado} ^a ^{Ultima} ^{Crise} ^{que} ^{está} ^{arguendo}
~~o~~ ~~seu~~ ~~panphlet~~ ~~de~~ ~~João Chagas~~ ~~intitulado~~ ~~a~~ ~~Ultima~~ ~~Crise~~ ~~que~~ ~~está~~ ~~arguendo~~
~~foi~~ ~~de~~ ~~João Chagas~~ ~~intitulado~~ ~~a~~ ~~Ultima~~ ~~Crise~~ ~~que~~ ~~está~~ ~~arguendo~~
~~Administração~~. Foi preciso que João Chagas pu

desse este dilemma ao Presidente de Repu-
blica: a demissão do general de Ministros
da Guerra ou a demissão de Todo o Ministe-
rio. O Dr. Manoel d'Avila assumiu
muito contrariado a demissão do general.

Esse o homem a quem o Presidente de
Republica, atribuladamente, entregava
o Governo de Republica

X

O partido republicano português
ao ver a composição deste Governo fez
varias démarches no sentido de lhe faci-
litar a acção e de lhe dar feição acentu-
adamente republicana. Sugeriu mesmo
a entrada do Dr. Antonio José d'Almeida
ou do Dr. Brito Camacho, com o que, man-
tendo-se-lhe o caracter de france opposi-
ção ao partido republicano português (demo-
crático) se lhe dava a feição republicana.
Mas o tempo ia passando; quanto á
ida de tropas para France, já se não falava
em tal; falava-se em eleições, mas tam-

se demoravam.

Para Conceios e Todos os compromettidos nas incursões, appareciam em Lisboa. (*)

Appareciam Actos de Ditadura: transgressões arbitrárias, notas officiaes dizendo que o Parlamento não reuniria, como era seu direito.

O povo começou a agitar-se.

Numa noite, o deputado democratico Henrique Cardoso é morto a tiro no momento em que ia a entrar para a escada do Directorio do partido, que dava para a rua que ládeia o Theatro de S. Carlos pelo lado poente.

Em 24 de fevereiro é publicado dictatorialmente um Decreto alterando os collegios electoraes.

Em 2 de março outro Decreto altera o processo electoral.

E, ^{continuavam} contudo, as negociações para este Gov. ~~se~~ se colocar melhor perante as massas republicanas. Em 3 de março, isto é, na véspera da violencia que já estava decidida a praticar contra o Parlamento, ainda houve uma conferencia dos presidentes das duas Camaras com o Presidente da Republica e com o presidente do Governo.

(*) Em Outubro de 1911, trilhando
 o caminho de Portugal, para Viçosa;
 em Outubro de 1912, trilhando o caminho
 de Portugal, para Viçosa;
 em Outubro de 1913, trilhando o caminho
 de Portugal, para Viçosa;
 em Outubro de 1914, trilhando o caminho
 de Portugal, para Viçosa;
 em Outubro de 1915, trilhando o caminho
 de Portugal, para Viçosa.

Tudo baldado. No dia seguinte, 4 de março, quando os parlamentares se dirigiam para o Palácio do Parlamento para se reunirem em sessão de tarde e da Câmara dos Deputados, encontraram o Palácio cercado de guarda-república e policia, com ordem de não deixar entrar ninguém. Nem mesmo os presidentes podiam entrar.

A 4 annos de Republica tinha nos annos ditadura a não deixar funcionar o Parlamento.

Senadores e Deputados reuniam immediatamente em casa de Affonso Costa, na Rue Dugue de Palmelle, espreme para a Rue Beaumarchais, e ali de liberaram logo que a Câmara, o Senado e o Congresso reuniram naquella mesma dia nos annos de Lisboa. Um homem influente em Loures, chamado Natividade Alves, ex-oligarchico ferrenho e hoje partidario da ditadura do Estado Novo e funcionario do Governo Civil de

7-8

Lisboa, arranjou tudo para esta reunião se effectuar, sem precalços, em tanto antes do Tojal, no velho palácio da Mitra, assim designado por ter sido desde 1554 sempre desde epocha mais antiga (1291) residência de verão dos arcebispos de Lisboa.

Os parlamentares, formando grupos, sabiam de antemão por pontos diferentes ^{quasi} para não levantar suspeitas e foram reunir numa sala do 1.º andar d'aquelle Palácio, onde normalmente funcionava a escola primaria da localidade.

Deus summaris das sessões da Camara dos Deputados e do Congresso realizadas de ve o que se passou nessas sessões,

junto aos estes summaris
Quando o Governo teve noticia desta reunião, já elle tinha acabado

X
 Depois de realizada a sessão do Congresso no Palácio da Mitra de Santo António do Tojal, muitos foram os republicanos que sentiram que a República corria graves riscos. Não eram os republicanos que governavam; alguns sítios não se podia dar vivas à República; outros, como em Lisboa, era proibido tocar à Portuguesa; os implicados nas incursões ou nas tentativas monárquicas de 1911, 1912, 1913, 1914 estavam todos dentro do território português; Faive Concelho passeava pelas ruas da Capital. A morte trágica de Henrique Car

mo tinha sido uma provocação.

A Revolução era inevitável.

Era, porém, necessário dar tempo a quem as violências do Governo criassem aquella atmosphera que dá a victoria ás revoluções, tanto mais que António José de Almeida e Brito Camacho ainda afirmavam o Governo no receio de que, desamparado, elle cahisse definitivamente nas mãos dos monárquicos.

Iniciados os trabalhos revolucionarios foram seguidos ignorados das autoridades e até de muitos republicanos. De subleitos, os marinheiros da Armada comprometteram-se já na Revolução e recusaram de que

que os seus navios fossem desarmados, mi-
puseram a sahida de revlucos e ~~com~~ ^{dentro de} poucas
horas. E eis ~~com~~ ^{foi} que na
~~mañana~~ de 14 de maio, ~~foi~~ ^{to} ~~velho~~ ^{com}
vacado Vasco da Gama ~~idê~~ ^{idê} o signal de re-
volucos as 3 ~~horas~~ ^{horas} ~~de~~ ^{de} ~~seguid.~~
outros navios de guerra, o Arsenal de Ma-
ninha e o quartel de Maninha. O Chefe
de revolta no mar era o capitão de fragata
João Leite do Rêgo, e o chefe no quartel de
maninha era o capitão-tenente José de
Freitas Ribeiro, seu colega no ministério de
1913. No Cap. 16º vem narrada a ~~prática~~ ^{prática} que tomou
~~este~~ ^{este} movimento a unidade que em commando
No fim da epocha e em outros ~~pulli~~
cacoê vem a narração do que se passou.
No ~~mesmo~~ ^{noute de} ~~mesmo~~ dia, ~~antes~~ ^{antes}, assinava-se
um amnistia, segundo o qual o Governo

11

Pimenta de Castro se demittia para ser substituido por um governo nacional estre-partidario.

No livro "A Revolucao de 14 de maio" que escreveu o capitao, hoje coronel, Joao Antonio Correia dos Santos official que, por parte do exercito, assinou o amnistiao com que findou a Revolucao, se encontra a narraçao de quanto se passou.

E para terminar junto o curioso documento que vem citado pelo jornal "A Capital" de 1 de junho de 1915 e pode ler-se na integra a pag. 152, 153 e 154 do livro - relatorio publicado pelo Dr. Manoel d'Amiaga em 1916 e que se intitula "Na primeira presidencia da Republica Portuguesa".



Nasceu fóra do tempo. Não se lhe compreende a psicologia, senão reintegrando-o na época histórica de seu verdadeiro nascimento. A qual era—a Revolução Francêsa.

Nesse período ele estaria ao lado de Saint Just, talvez fóra amigo de Couthon! Mas, e sem receio de desmentido possível, seria ele então ajudante de Fouquier-Tinville, o acusador público, nem implacável, nem sanguinário, nem cruel. Dois princípios únicos a dominar uma maneira de proceder: 1.º)—A Lei; 2.º)—A Justiça. Síntese dos dois:—Defender a Republica.

E assim, no atual parlamento, não ha juiz que lhe mereça benevolencia. Os juizes atiram a Republica para um desvão, proclamando a benemerencia dos conspiradores? Pois Henrique Cardoso toma os juizes entre dentes e dilacera a magistratura.

Um maduro objetou-lhe:—«Você não respeita a independencia do poder judicial!»

Trôco imediato:—«Pudera! Pois o poder judicial não respeita a independencia e integridade da Republica.»

Em face da resposta, logica e decisiva, o interrogante afastou-se. Não sem que o Henrique, perseguindo-o, citasse Fouquier-Tinville, enorme figura a que os recentes trabalhos historicos deram o alto relevo que os mercenarios da Historia lhe haviam sonogado.

Confissão do sr. Manuel de Arriaga

Veu publicada hoje na integra em alguns jornaes da manhã a carta que o sr. dr. Manuel de Arriaga escreveu ao sr. dr. José de Castro no dia immediato ao da constituição do actual governo. Ha n'essa carta uma confissão preciosa, que a Historia commentará devidamente. Está n'estas palavras, que transcrevemos:

Com a minha sahida, mantida a estabilidade do novo regimen, ficaremos todos mais á vontade: os srs. ministros para annullarem os decretos do governo transacto, que, em verdade, estão, quasi todos, fóra do mandato restricto que eu conferi ao meu venerando amigo general sr. Pimenta de Castro, na minha carta de 23 de janeiro, carta que tornei publica, com o firme proposito de afastar qualquer intervenção estranha, no uso das minhas prerogativas (imposição do exercito) e, principalmente, para definir o campo, extremamente restricto, d'esse mandato, que, no fim de contas, se resumia em evitar um conflicto imminente entre o exercito e a Republica e proceder ao acto eleitoral, na inteira garantia da imparcialidade de voto.

O sr. dr. Manuel de Arriaga confessa que quasi todos os decretos do governo Pimenta de Castro estão fóra do mandato que conferiu a esse seu venerando amigo. As pessoas que combatiam a dictadura e que por isso mesmo defendem o acto revolucionario que a derrubou podiam desejar melhor argumento para reforço das suas opiniões? E os jornalistas hespanhoes, que se teem farto de illudir a opinião publica do seu paiz com falsidades de todo o genero, não vêem nas palavras do sr. dr. Manuel de Arriaga, que tanto veneram, uma aspera condemnação da politica do sr. Pimenta de Castro?

Note-se ainda que o ex-presidente fala sem rodeios na «imposição do exercito», que teve de afastar, no uso das suas prerogativas, tornando extremamente restricto o campo de acção em que o sr. Pimenta de Castro poderia mover-se. Em tudo isso deviam reparar os jornalistas hespanhoes...